e de formação de educadores precisam orientar-se por objetivos de contemplação e reverência à natureza, assim como de respeito pelas vontades do corpo, justo o que, nos humanos, é também natureza.

"O melhor brinquedo para a criança é a própria natureza. A graça para a criança ao brincar está em subverter os objetos e transformálos em brinquedos, em algo diferente e novo". MACHADO, Ana Lúcia

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Tempo e cotidiano: tempos para viver a infância. Revista Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v. 31, n. 61, 2013. Disponível em: https://ltp.emnuvens. com.br/ltp/article/view/185/122.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010f. Disponível em http:// portal.mec.gov.br/index.php?option=com_ docman&view=download&alias=13448- -diretrizes-curiculares--nacionais-2013- pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 dez. 2018. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC/SEB, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao_brinquedo_e_brincadeiras_c ompleta.pdf.

SP Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade : Educação Infantil. – São Paulo : SME / COPED, 2019. 224p. il. Bibliografia 1.Educação - Currículos 2. Educação Infantil I.Título

Tortora Evandro.Natureza na educação .Revista Nova Escola 2020

MACHADO, Ana Lúcia. Brincando com os 4 elementos da natureza . 1. ed. nov. 2016. Disponível em: http://www.educandotudomuda.com.br/tag/e-bookbrincando-com-os-quatro-elementos-da-natureza/. Acesso em: 20/06/2017.

PECOTCHE, Carlos Bernardo Gonzalez. Pedagogia Logosófica. In: Coletânea da Revista Logosofia - Tomo 1. São Paulo: Logosófica, 2010. Disponível em: http://logosofica.com.br/artigos/os-processos--da-natureza/73.aspx

LOUV, Richard. A Última Criança na Natureza. São Paulo: Aquariana, 2005.

Tarja Branca - A Revolução que Faltava. Direção: Cacau Rhoden. Brasil. 80 minutos. 2014.

PIORSKY,Gandhy.Brinquedos do chão, a natureza, o imaginário e o Brincar.1.ed.Petrópolis:Editora Petrópolis,2016. Site https://territoriodobrincar.com.br/producoes-culturais acesso 02/11/2021

A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SARA RODRIGUES MOREIRA DA COSTA

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo identificar se e como a prática de Contação de Histórias pode contribuir na formação de crianças da Educação Infantil como leitores. Sabendo da importância

desta prática realizamos nossa pesquisa em uma instituição da Rede Municipal do Recife buscando certificar suas contribuições. Neste sentido, realizamos um estudo de caso, por meio de observações e entrevistas, alinhando a nossa apropriação teórica a partir da revisão da literatura com o material colhido e registrado por ocasião do trabalho de campo, concluímos que a contação de histórias é de fato um forte instrumento para a formação não apenas de leitores, ao tempo em que corrobora com o desenvolvimento social e cultural das crianças da Educação Infantil, como um todo.

Palavras-chave: Contação de histórias; Educação Infantil

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apresentar o processo investigativo realizado sobre a influência e os efeitos que a Contação de Histórias, como atividade pedagógica, pode desenvolver em crianças de 5 anos (de uma creche da Rede Municipal do Recife) na Educação Infantil, de tal maneira que elas venham a se constituir como leitores. Neste sentido e ratificando nosso objetivo de pesquisa, buscamos compreender como essa prática pode ajudar na formação desse futuro leitor, desenvolvendo o gosto pela leitura, não só como um processo didático e obrigatório, mas como um despertar para leitura, através uma prática deleitosa.

A nossa curiosidade investigativa, surgiu a partir de nossas experiências como estagiárias, na referida creche, onde percebíamos nas crianças uma alegria e uma participação ativa no momento da Contação de Histórias. E foi reforçada, após assistirmos uma palestra com a professora (um dos sujeitos da pesquisa), cuja temática parecia reforçar as nossas primeiras impressões. Assim, sentimos um interesse maior em investigar esta prática e melhor identificar as possíveis contribuições que fomentam no desenvolvimento da criança leitora. Estamos de fato convencidas, baseadas em ABRAMOVICH (1987), RITER (2009), BRANDÃO e ROSA (2010) de que a contação de histórias é um momento e uma atividade importante para o desenvolvimento da criança, tanto na formação do leitor, como no processo cognitivo. Assim nos atesta ABRAMOVICH (1987), ao afirmar que, ao ouvir histórias a criança é estimulada em vários aspectos criativos, desenvolve habilidades de desenhar, pensar,

2 teatralizar, brincar, escrever e criar. Ou ainda, segundo RITER (2009), Contar histórias é o primeiro passo para formação de leitores. Diz ele: o “Era uma vez” institui uma nova atmosfera, um novo universo, ele suscita o imaginário, abre espaço para a fantasia, estimula a curiosidade reveladas em forma de perguntas sobre o mundo “contado” e o mundo “real”, além de possibilitar releituras dos mundos com vistas a solucionar questões. Para investigar todo esse processo de construção que a referida prática pode desenvolver, realizamos uma pesquisa qualitativa, através de um estudo de caso, onde elencamos como objetivos para nossa pesquisa a descrição da prática de contação em sala de aula na rotina das crianças durante e após o momento de contação de histórias, além de caracterizar o trabalho da professora, investigando o interesse e a iniciativa das crianças pela

leitura como consequência desta prática. Assim, apresentamos ainda que sucintamente, como foram realizadas as coletas e as análises dos dados, realizados a partir de uma análise de conteúdo. Tais resultados são explicitados nas considerações finais, elucidando assim, nosso objeto de pesquisa.

1. A origem da Educação Infantil no Brasil

No Brasil, os problemas sociais e políticos enfrentados pela população, no cotidiano do país durante todo o período que antecede a República não contribuíram para a evolução do ensino, visto que a educação em nosso país sempre foi alvo de muito descaso desde o período Colonial até os dias atuais. A ideia de Educação Infantil, ou melhor, de Jardim de infância, aparece através das concepções da Escola Nova propostas do John Dewey e de acordo com OLIVEIRA (2005) não foi bem aceito, gerando muitos debates que atribuíam críticas por identificar no modelo, as chamadas salas de asilo francesas, vistas como locais de guarda e caridade. Com o passar do tempo o atendimento a crianças de 0 - 6 anos na Educação Infantil se dá de uma forma precária e com caráter assistencialista, e que, de acordo com OLIVEIRA (2005), as creches são vistas como um mal necessário, planejadas como instituição de saúde que visavam apenas cuidados com a saúde da criança. A partir da Constituição Brasileira de 1988, o Estado reconhece que o atendimento a crianças de zero a seis anos de idade em creches e escolas deve ser qualificado e ampliado, ou seja, a creche deixa de ser direito da mãe trabalhadora e passa a ser direito da criança. Tal medida, não pode ser entendida como erradicadora do caráter assistencialista que sempre envolveu a Educação Infantil, esta perspectiva assistencialista só vai perdendo força após a promulgação da LDB 9.394/96, que insere políticas públicas, como no Art. 30. A Educação Infantil será oferecida em: I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas, para as crianças de quatro a cinco anos de idade. (BRASIL, 2013) A partir desta LDB, crianças de zero a cinco anos podem frequentar um espaço pedagógico com o intuito de desenvolver a autonomia as relações afetivas na interação com os outros e aprender de uma forma lúdica. Desde então, a construção e ampliação de creches públicas vêm crescendo e se consolidando de uma maneira positiva, no Brasil, e assumindo efetivamente o seu caráter pedagógico. Servindo como espaço de disseminação de ideias e teorias que promovam uma prática de ensino na Educação Infantil com melhor qualidade. Antunes (2007) destaca que:

Houve um tempo em que era extremamente nítida a separação entre o brincar e o aprender. Os momentos de uma atividade e os momentos de outra eram separadas por rígido abismo e não se concebia que fosse possível aprender quando se brincava.

Assim as creches e escolas de Educação Infantil hoje, são convocadas a desempenhar duas concepções muito importantes, educar e cuidar, relacionando higiene, alimentação, ao desenvolvimento intelectual, motor, social, ambas consideradas igualmente importantes

para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicossocial das crianças. Concluindo com RCNEI (BRASIL, 1998) é através das instituições de Educação Infantil que se abrem ambientes propícios para a criança desenvolver-se integralmente, as instituições de ensino não podem ser um espaço apenas assistencialista e sistematizado, mas um lugar que contribua para o desenvolvimento pleno de uma criança, desde suas habilidades intelectuais e motoras à sociabilidade.

1. 2 – A origem da Contação de Histórias

A Contação de Histórias se faz presente nas práticas cotidianas da escola atualmente, como uma aliada, com direcionamentos pedagógicos para a formação de leitores, ao tempo em que cumpre a função de manutenção da memória de um povo, segundo RITER (2009), ela proporciona, portanto uma dupla função, qual seja a de preservar a cultura e de formar leitores. Rompe as fronteiras do "estudo obrigatório da leitura" configurando-se muitas vezes como momentos de lazer e prazer. Alguns teóricos afirmam que a experiência da Contação de Histórias é o primeiro passo para a formação de leitores. Cabe ressaltar que a tradição de reunir a família para contar e ouvir histórias tornou-se um momento raro e quase inexistente, mesmo que elas fossem eminentemente orais. Fato que parece reforçar o papel da escola frente à formação do leitor considerando que ela possibilita: [...] às crianças, experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; (BRASIL, 2010) Além do que: Ler histórias para crianças, sempre, sempre... é poder sorrir rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens... ABRAMOVICH (1995, p. 17) As crianças ficam fascinadas com as histórias e a maneira como são contadas, numa interação com a história mediada pelo professor (a)/contador(a) de histórias é possível adentrar a história, conhecendo e imaginando os personagens, cenários, contextos, fundir-se e confundir-se com o texto ouvido, etc. O que reforça ainda mais nossa compreensão de que a contação de histórias deve se fazer presente no cotidiano da escola também como fonte de preservação cultural, de construção de valores sociais e morais, serve ainda como estimulo à criatividade, ao desenvolvimento da oralidade e enriquecimento do vocabulário oral e escrito. Mas, nem sempre a contação de histórias foi vista como uma prática aliada a formação de leitores, assim, seu surgimento nos leva aos tempos mais remotos, ainda não marcados pelo surgimento da escrita, de modo que este tipo de prática sempre fez parte da vida dos seres humanos, onde o ato de contar histórias 8 contribuiu para que as mais diversas histórias populares não fossem esquecidas ao longo dos séculos, passada de geração em geração, sofrendo algumas modificações e adaptações. GOTLIB (1990) nos informa que falar da origem da contação é o mesmo que falar da origem da civilização ao longo da história do mundo, mas sempre de um jeito informal, sem uma intenção de seguir o objetivo de registrar algum fato histórico, só após o surgimento da escrita é que tal fato passa a acontecer. Hoje a contação é vista também como uma espécie de ofício vinculandose à prática pedagógica e

as artes dentre outras tem ocupado cada vez mais espaços diversos para além das bibliotecas e salas escolares, fazendo se presente em hospitais, nas empresas, em festas infantis, e até entre adultos que se reúnem em rodas de leituras, etc.

1.3 – A origem da Contação de Histórias

A Contação de Histórias se faz presente nas práticas cotidianas da escola atualmente, como uma aliada, com direcionamentos pedagógicos para a formação de leitores, ao tempo em que cumpre a função de manutenção da memória de um povo, segundo RITER (2009), ela proporciona, portanto uma dupla função, qual seja a de preservar a cultura e de formar leitores. Rompe as fronteiras do "estudo obrigatório da leitura" configurando-se muitas vezes como momentos de lazer e prazer. Alguns teóricos afirmam que a experiência da Contação de Histórias é o primeiro passo para a formação de leitores.

Rompe as fronteiras do "estudo obrigatório da leitura" configurando-se muitas vezes como momentos de lazer e prazer. Alguns teóricos afirmam que a experiência da Contação de Histórias é o primeiro passo para a formação de leitores. Cabe ressaltar que a tradição de reunir a família para contar e ouvir histórias tornou-se um momento raro e quase inexistente, mesmo que elas fossem eminentemente orais. Fato que parece reforçar o papel da escola frente à formação do leitor considerando que ela possibilita: [...] às crianças, experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; (BRASIL, 2010) Além do que: Ler histórias para crianças, sempre, sempre... é poder sorrir rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens... ABRAMOVICH (1995, p. 17) As crianças ficam fascinadas com as histórias e a maneira como são contadas, numa interação com a história mediada pelo professor (a)/contador(a) de histórias é possível adentrar a história, conhecendo e imaginando os personagens, cenários, contextos, fundir-se e confundir-se com o texto ouvido, etc. O que reforça ainda mais nossa compreensão de que a contação de histórias deve se fazer presente no cotidiano da escola também como fonte de preservação cultural, de construção de valores sociais e morais, serve ainda como estimulo à criatividade, ao desenvolvimento da oralidade e enriquecimento do vocabulário oral e escrito. Mas, nem sempre a contação de histórias foi vista como uma prática aliada a formação de leitores, assim, seu surgimento nos leva aos tempos mais remotos, ainda não marcados pelo surgimento da escrita, de modo que este tipo de prática sempre fez parte da vida dos seres humanos, onde o ato de contar histórias 8 contribuiu para que as mais diversas histórias populares não fossem esquecidas ao longo dos séculos, passada de geração em geração, sofrendo algumas modificações e adaptações. GOTLIB (1990) nos informa que falar da origem da contação é o mesmo que falar da origem da civilização ao longo da história do mundo, mas sempre de um jeito informal, sem uma intenção de seguir o objetivo de registrar algum fato histórico, só após o surgimento da escrita é que tal fato passa a acontecer. Hoje a contação é

vista também como uma espécie de ofício vinculando se à prática pedagógica e as artes dentre outras tem ocupado cada vez mais espaços diversos para além das bibliotecas e salas escolares, fazendo se presente em hospitais, nas empresas, em festas infantis, e até entre adultos que se reúnem em rodas de leituras, etc.

2.DESENVOLVIMENTO

Toda a escolha para a elaboração e realização da pesquisa se fez a partir das nossas experiências (como já foi dito anteriormente) e do interesse pelo assunto se pensou em como se realizaria essa pesquisa para obtenção dos dados, com isso elaboramos um roteiro para as observações, desenvolvemos e realizamos as entrevistas semi estruturadas, com a intenção de nos aproximarmos de nosso objetivo principal, dentro dessa perspectiva citamos ALVES apud LÜDKE E ANDRE (1986, p. 34), que dizem:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. [...] a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam eficaz na obtenção das informações desejadas. Antes da realização das entrevistas fizemos três observações, onde nos focamos nos momentos que aconteciam antes, durante e depois da Contação de Histórias, sempre no período da manhã, contribuindo para analisar a interação das crianças durante todos os momentos com esta prática, além de descrever a rotina da professora, dos alunos e caracterizá-los. As entrevistas foram realizadas no período da tarde, com os seguintes sujeitos: a Gestora, a Professora, a Coordenadora, a ADI e as crianças. A professora colaborou bastante, contribuindo para alcançar os nossos objetivos na pesquisa. As entrevistas com a gestora, a coordenadora e a ADI também foram de muita importância, pois todas acompanham o trabalho desenvolvido pela professora, principalmente a ADI que acompanha desde início a turma, conhece as crianças, seus comportamentos e trouxe assim contribuições importantes com as suas respostas. Para fazer as entrevistas com as crianças primeiramente pedimos a autorização aos pais, após as autorizações 15 realizamos as entrevistas em uma semana, diferentes dos adultos, elas têm seu tempo, pois com algumas não tivemos dificuldades realizando em meia hora a entrevista, mas com outras tivemos que terminar em um ou dois dias seguintes, pelo simples fato das crianças não responderem o restante das perguntas, e dizer: “tia depois eu respondo o resto, tá?”. Tendo assim que respeitar o seu tempo, pois suas respostas teriam que ser espontâneas para contribuir com a nossa pesquisa. Para realizar a entrevista com elas, achamos que seria melhor fazer com um pouco mais de 25% da turma, ou seja, com 6 alunos, pois, inicialmente pensamos em realizar as entrevistas com as 19 crianças, o que traria uma dificuldade, realizar entrevistas com crianças requer tempo e alguns cuidados, como o respeito ao tempo da criança, que permite que o entrevistador obtenha respostas espontâneas, onde PEREIRA apud CARVALHO (2004) analisa que o uso das entrevistas com crianças no campo qualitativo ainda é

uma técnica relativamente pouco explorada na literatura, inclusive porque a criança é pensada como incapaz de falar sobre suas próprias preferências, concepções ou avaliações. Como o conhecimento sobre a criança tem tomado espaço, essa ideia sobre as crianças em entrevistas tem sido questionada e explorada crescentemente. De acordo com PEREIRA apud CARVALHO et al. (2004), ao explorarem o recurso da entrevista, concluíram que:

A qualidade do dado colhido depende, entre outros fatores, da qualidade da relação entre o entrevistador e o entrevistado; mas sugerem, principalmente, a disponibilidade e motivação da criança para esse tipo de instrumento de coleta, desde que condições favoráveis de interação sejam oferecidas. [...] A entrevista é o principal instrumento de coleta, na medida que se deseja apreender as concepções e percepções da criança sobre determinado fenômeno ou situação;

[ela] complementa a análise da observação direta do comportamento, oferecendo pista para a compreensão de seu processo de desenvolvimento, a partir de seus comentários e justificativas.

2.1 - Análises dos resultados

A análise dos resultados através das entrevistas apresenta o intuito de encontrar respostas para as seguintes questões:

- Qual a influência que a contação de histórias tem sobre a formação de um futuro leitor da Educação Infantil?
- Qual o interesse das crianças a partir da prática de contação de histórias no cotidiano da sala de aula?
- Qual a contribuição do trabalho da professora para a formação e o desenvolvimento de seus alunos?

A partir das respostas obtidas construímos uma tabela de significação para facilitar a compreensão da análise, onde criamos categorias que facilitaram analisar e interpretar os dados a partir de uma análise de conteúdo, que segundo BARDIN (2009) seria um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não), que permitam inserir conhecimentos relativos às condições de produção e a recepção destas mensagens inseridas no conteúdo.

Contação de histórias e a formação de leitores	• Crianças	• O sentimento em relação a Contação • A relação com os livros • A professora
	• Professora e ADI	• O gosto das crianças pelas histórias • A variedade dos livros • Os objetivos da Contação
	• Coordenadora e Gestora	• As contribuições do momento de Contação • A criança e a autonomia com os livros • A escolha dos livros

Através das categorias e das subcategorias, identificamos nas unidades de registro através de fragmentos das entrevistas, características que contribuíram para contextualizar com nosso referencial teórico, dentro da unidade de contexto e fazendo a ligação entre os objetivos e o os resultados. De acordo com FRANCO (2008) as unidades de registro são a menor parte do conteúdo, onde ocorre as categorias que são levantadas, podem ser diferentes, mas interrelacionadas e complementares e a unidade de contexto seriam o pano de fundo que apresenta significado a análise.

A partir de todo o processo de análise dos dados coletados estabelecemos as seguintes categorias:

1. O sentimento e o desenvolvimento das crianças em relação a contação de histórias.

2. O olhar da coordenadora e da gestora sobre a prática de contação de histórias desenvolvida nesta turma.

3. Análise da professora e da ADI, sobre a prática desenvolvida e o desenvolvimento das crianças

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando tudo que foi estudado, planejado e pesquisado, chegamos à conclusão de que a Contação de Histórias fortalece a prática da professora e contribui para a formação de seus alunos como leitores, fortalecendo sua inserção ao mundo literário e o gosto pela leitura, além de favorecer no desenvolvimento e na interação social entre a turma e as demais crianças da mesma instituição de ensino. Esta prática, principalmente quando guiada inteiramente pelo livro em sua forma concreta, desperta um interesse ainda maior das crianças, que querem estar em contato com ele, comparando a história contada e imaginada com aquela que esta impressa naquele objeto, o livro. Percebemos que através da Contação de Histórias, as crianças adentram um universo de magia e aprendizagem que acontecem de forma natural, contribuindo para a construção de um vocabulário, para os primeiros passos na aprendizagem da leitura e da compreensão de mundo através das ideias que as histórias apresentam, e principalmente pelo trabalho desenvolvido pela professora, com a ajuda da equipe que a auxilia e coordena seu trabalho, como a Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI), as estagiárias, a gestora e a coordenadora. A Contação de Histórias é um instrumento importantíssimo, principalmente para o processo de aprendizagem durante a Educação Infantil, ela contribui para os diversos aspectos já citados ao longo deste trabalho, mas acreditamos, através de nossa pesquisa e das experiências vivenciadas ao longo desta jornada pedagógica, que o ouvir histórias te conduz a um mundo imaginário, te ensinando a compreender diversas temáticas que estão inseridas naquela história e que desperta um gosto pela leitura, por estar em contato com livros.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989. ALVES, Gilvania Francisca. As práticas docentes de estratégias de leitura na educação infantil. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. ANTUNES, Celso. Educação Infantil: Prioridade Imprescindível. Petrópolis, RJ: vozes, 2007. BAGNO, Marcos. Pesquisa na escola: o que, como se faz. São Paulo: Edições loyola, 1998. BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009. BRANDÃO, Ana Carolina Perussi. ROSA, Ester Calland de Sousa, Organização. Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Referenciais